

As Confissões como testemunha da *morale sensitive* de Jean-Jacques Rousseau ou o difícil equilíbrio entre o homem e a sociedade.

Hélder Mendes Baião

Jean-Jacques Rousseau começa a escrever as Confissões em 1765 e acaba em 1770.

O projeto literário é uma resposta aos ataques constantes de Voltaire e ao grupo dos enciclopedistas centrados nas pessoas de Voltaire e du Barão d'Holbach. Desde a publicação do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* em 1755, Voltaire, pouco satisfeito com a crítica feita por Rousseau sobre as artes e o luxo, goza com os princípios do filósofo genebrino. Foi também Voltaire que relevou num panfleto que Rousseau abandonou os seus quatro filhos que foram colocados num orfanato publico.

Confrontado á critica do seu modo de viver, de pensar e de agir, Rousseau começou o projeto de escrever as fases mais interessantes da sua vida para mostrar como diz: « um homem na completa complexidade da natureza ».

Je forme une entreprise qui n'eut jamais d'exemple & dont l'exécution n'aura point d'imitateur. Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature; & cet homme, ce sera moi.

Antes de prosseguirmos, vejamos primeiro o tipo de texto que Rousseau nos apresenta. O título, *Confissões*, refere-se às *Confissões* de Santo Agostinho, que é um relato de como Santo Agostinho veio a acreditar na confissão cristã. Santo Agostinho descreve as deficiências da sua vida e como através de uma viagem interior aceitou a mensagem divina que lhe foi apresentada pelo Cristo.

A verdade que encontrou Santo Agostinho é exterior. Certamente o evangelho anima a vida interior do crente mas a mensagem, como o expõe Santo Agostinho ao ouvir a voz que lhe impõe de ler, é uma voz exterior que anima uma vontade pessoal.

No caso de Rousseau a mensagem é diferente porque o autor Genebrino não procura encontrar a paz espiritual. Os místicos não têm paz até serem libertados de si proprios,

enquanto Jean-Jacques acredita que encontra a paz no sentimento da sua própria existência.

As Confissões de Jean-Jacques Rousseau são então uma tentativa, misturando ao mesmo tempo a vida de Rousseau com as suas próprias ideias, para alcançar a descoberta da verdade. Pois a verdade para Rousseau não é tanto factual ou científica mas moral.

Mas esta verdade filosófica só é moral porque a história é confusa, pois se a sequência de causas históricas fosse compreendida e aceite por todos, então os princípios de Rousseau aproximar-se-iam da verdade. Pois como ele escreve ao monge beneditino Dom Deschamps, quando lhe é apresentado o seu « verdadeiro sistema » da natureza:

La vérité que j'aime n'est pas tant métaphysique que morale

Como acabámos de ver, Jean-Jacques Rousseau escreveu as *Confissões* no crepúsculo da sua vida intelectual. Aparentemente não é um texto que ele tivesse planeado integrar na sua obra, mas que as circunstâncias o levaram a escrever.

As *Confissões* são portanto uma autobiografia de justificação, lançam luz sobre uma vida singular e sobre os seus problemas. Como o texto lança luz sobre um processo de pensamento que tenta justificar. Nas *Confissões*, Jean-Jacques Rousseau revela a natureza da sua busca da verdade, uma vez que apresentará os momentos chave que permitiram essa investigação. Apresentará também os seus projectos abortados e as ideias que não conseguiu desenvolver, como aquela, muito importante para o nosso propósito, do desenvolvimento de uma moralidade sensível (*morale sensitive*).

De facto, ao ler as várias obras de Rousseau dedicadas à história, ou com um tom histórico, notamos que Jean-Jacques Rousseau olha para a história da humanidade, bem como para a sua própria história, para encontrar uma verdade antropológica. Mas uma verdade que foi abafada pelos desenvolvimentos da história.

Num livro publicado há alguns meses - *Passés singuliers. Le « Je » dans l'écriture de l'histoire* - o historiador Enzo Traverso analisa a nova tendência dos historiadores para escrever auto-biografias. O autor preocupa-se com esta proliferação de escritos em Eu (et não no « nós ») e questiona a perda do significado colectivo de uma história tão esfarrapada que já não une uma comunidade coerente de cidadãos. Enzo Traverso

salienta que o *Linguistic Turn* nos tornou mais humildes em relação ao conhecimento histórico e que os historiadores que estão conscientes de que o seu ponto de vista está carregado, infelizmente, de certos preconceitos ideológicos escrevem autobiografias para exorcizar os miasmas inconscientes que podem monopolizar a escrita da história.

Esta não é a abordagem de Jean-Jacques Rousseau. Consciente da novidade das suas ideias, e face aos ataques, usa a história para dar mais consistência à sua filosofia política. Mas como o seu projecto intelectual visa libertar o homem e restaurar a sua dignidade, apresenta-se tanto como objecto de estudo como a consciência de um estado de espírito, cidadão e republicano, a ser conquistado.

As *Confissões* expõem um episódio muito particular na vida intelectual de Jean-Jacques. Em Outubro de 1749, Rousseau visitou Diderot trancado na prisão de Vincennes. Mas Rousseau era pobre e não tinha carruagem, por isso caminhou entre Paris e Vincennes. Sentado ao pé de uma árvore para descansar do seu passeio e do calor, teria então descoberto no *Mercur de France* a questão posta em debate pela Academia de Dijon e que Rousseau apresenta da seguinte forma: "Se o progresso das ciências e das artes contribuiu para corromper ou purificar a moral"? Rousseau escreve novamente nas *Confissões* que uma vez em presença de Diderot, esse adivinhou a sua agitação. Rousseau explica a razão e mostra-lhe a prosopéia (*prosopopée*) de Fabricius já escrita. Diderot ficou fascinado com as ideias do seu amigo e encorajou-o a competir pelo prémio. Rousseau descreve assim a situação:

« *Ce que je me rappelle bien distinctement dans cette occasion, c'est qu'arrivant à Vincennes, j'étais dans une agitation qui tenait du délire. Diderot l'aperçut ; je lui en dis la cause, et je lui lus la prosopopée de Fabricius, écrite en crayon sous un chêne. Il m'exhorta de donner l'essor à mes idées, et de concourir au prix. Je le fis, et dès cet instant je fus perdu. Tout le reste de ma vie et de mes malheurs fut l'effet inévitable de cet instant d'égarement. Mes sentiments se montèrent, avec la plus inconcevable rapidité, au ton de mes idées. Toutes mes petites passions furent étouffées par l'enthousiasme de la vérité, de la liberté, de la vertu ; et ce qu'il y a de plus étonnant est que cette effervescence se soutint dans mon coeur, durant plus de quatre ou cinq ans, à un aussi haut degré peut-être qu'elle ait jamais été dans le coeur d'aucun autre homme.* » (Jean-Jacques Rousseau, *Les Confessions*, livre huitième).

Não se sabe exatamente se Rousseau diz ou não a verdade, muitos historiadores duvidam da versão de Rousseau. De mais quando Rousseau e Diderot se afastaram os amigos de Diderot espalharam o boato que afinal foi Diderot que convenceu Rousseau de tomar a opinião contrária do que seria esperado. No entanto Rousseau insiste sobre o facto de que o que se chama também atualmente o primeiro discurso foi elaborado num momento de grande entusiasmo chamado a « iluminação de Vincennes ». Um momento christico. Mas que tipo de verdades encontrou Rousseau e qual é a relação com a história e com a autobiografia que escreve?

A relação mais íntima entre a sua visão da história e a sua autobiografia está ligada aos valores republicanos. Mas temos de ser precisos, o que Rousseau significa por valores republicanos não é um sistema político que atestaria a não-dominação entre cidadãos. A visão republicana de Jean-Jacques Rousseau engloba um ethos republicano. Este ethos é constituído por um valor cardinal que é a virtude e um grande caminho de corrupção: o luxo. É em torno destas duas noções (uma positiva e outra negativa) que se desenvolve o *Discurso sobre as Ciências e as Artes*.

O questionamento sobre a história de Rousseau é também um questionamento da sua vida passada. Segundo as *Confissões*, Rousseau renunciou a ser um cortesão da corte francesa, renunciou às honras devidas aos homens de letras e recusou-se a jogar o jogo da sociabilidade de corte. O *Discurso sobre a Ciência e as Artes* é uma forma de exposição retórica sobre a necessidade de cultivar a virtude. Mas como compreender a virtude. Rousseau usa a história e a filosofia política para a explicar.

O primeiro discurso apresenta a história numa dialéctica muito simples. Esta dialéctica é extraída das técnicas analíticas do discurso clássico republicano. É muito provável que Rousseau a tenha encontrado em Maquiavel, mas Montesquieu, em *Les Lettres persanes* e *L'Esprit des lois*, faz um uso extensivo desta dialéctica. Para Rousseau, as pessoas nascem na simplicidade e na virtude. A consciência dos indivíduos é então unida. Rousseau explica no *Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* que já não é possível no seu tempo testemunhar o nascimento de um novo povo. A origem dos povos perde-se, então, nas brumas da história.

A história das grandes civilizações coincide com um padrão recorrente: nascimento na simplicidade e virtude, desenvolvimento das artes e do luxo - que são paralelos - e decadência na frivolidade. Rousseau não escreve história no sentido estrito da palavra, mas propõe uma metáfora da história, e esta metáfora implica dois substantivos que designam expressamente o ser humano: a alma e a moral (moeurs). No segundo discurso

sobre a origem da desigualdade, Rousseau vai escrever que os animais não têm história porque não conhecem variações. São definidos pela sua natureza e a sua natureza é mecânica. Um cão conhece muito poucas variações em comparação com outro cão, o seu carácter é conhecido, as suas reacções são previsíveis, o seu tempo de vida também, e igualmente o tipo de reacções caninas que vai ter. O homem, por outro lado, não tem carácter preso ou mesmo nenhum carácter. Camaleão por excelência, ele não só pode roubar um número infinito de identidades animais, mas acima de tudo pode como homem inventar culturas, tradições, formas de sociabilidade, regimes políticos e tipos de organização social. Esta ausência de uma natureza estabelecida é o que torna o homem como animal político - como Aristóteles o definiu - frágil, porque o homem está sempre à mercê de todo tipo de decadência ou fascismo. Além disso, e é aqui que o argumento do Discurso sobre as ciências e as artes mais dói, Rousseau diz-nos muitas vezes que quando uma civilização atinge um estado de esplendor é que as sementes da sua corrupção e decadência já são semeadas.

O Discurso sobre a Ciência e as Artes enumera uma série de povos que se decompõem após um período mais ou menos longo de influência. Estes povos são os Egípcios, a Grécia Antiga, Roma, Constantinopla e China (os chineses são, segundo Rousseau, policiados mas não virtuosos porque são deixados à tirania dos seus imperadores). Do outro lado do espectro da civilização, Rousseau reconhece o brilhante início dos povos que não deixaram vestígios na história ou que declinaram assim que atingiram o seu esplendor. Ele cita os primeiros dias dos Persas, liderados por Darius, pela sua frugalidade conseguiram conquistar um imenso império. Um império que foi derrotado por outro povo frugal e pobre, os Gregos de Alexandre o Grande, quando se tinha tornado extremamente rico e mal governado na sua riqueza. Outros povos tiveram o seu momento de glória, mas a sua existência não é bem conhecida, pois eram tão virtuosos que não se deram ao trabalho de registar os seus anais: assim os Cíticos e os Alemães que conquistaram Roma corrupta. Tal como os Suíços, uma nação rústica, que soube derrotar a Casa dos Habsburgos e os exércitos invencíveis de Charles le Téméraire graças à sua disciplina e pureza de moral. Entre os povos frugalistas encontramos também, mesmo que Rousseau não os mencione todos no primeiro Discurso, os primeiros romanos, os gregos da Ilíada e possivelmente os portugueses de Manuel I.

Para Rousseau, um povo abençoado pela história é um povo ignorado por outros. Os adjectivos utilizados para descrever tal povo são: simples, frugal, virtuoso, militar, religioso e moral. Esparta e Roma são os principais exemplos desta realidade republicana. Os espartanos, apesar dos seus 800 anos de existência, não deixaram

nenhum testemunho material para a posteridade para além dos elogios de autores gregos ou romanos que não eram espartanos e que escreveram muito mais tarde, como Plutarco. É por terem renunciado politicamente ao luxo que estes povos e os seus líderes inscrevem o seu nome na história, que se torna então o fornecedor da posteridade. Assim, Alexandre derrotou Dario, Roma pobre derrotou Cartago opulento, os bárbaros (incluindo os francos e os saxões) por sua vez derrubaram Roma, os Suiços destruíram as tropas de Charles le Téméraire e, os Países Baixos derrotaram as tropas de Filipe secundo e as riquezas de Espanha. Uma vez que o génio é uma condição excepcional, então é sempre prejudicial para o povo abraçar a carreira das letras e do luxo porque, com excepção de alguns génios - que muitas vezes devem tudo a si próprios, como Descartes e Newton, mas também Rousseau - a massa do povo só se torna corrupta e infeliz à medida que se tornam educados e desenvolvidos.

O Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade entre Homens complementa e enriquece uma série de ideias que estão presentes no primeiro discurso. Nas *Confissões*, Rousseau diz-nos que, movido pelo entusiasmo republicano que o animava, queria enviar uma resposta a um novo concurso da Académie de Dijon. No entanto a sua fama estando a crescer, ele já não procurava o prémio. Por outro lado, os seus novos princípios republicanos estavam a empurrá-lo para Genebra. Mas Rousseau renunciou à sua cidadania exilando-se da cidade e convertendo-se ao catolicismo na sua juventude. Como ele não cortou todos os laços com os Genebrinos, a sua situação é bem conhecida em Genebra. A fim de entrar em contacto com Genebra e os seus compatriotas, Rousseau escreve uma dedicatória que desliza antes do texto do Discurso sobre a Origem da Desigualdade. Mas aqui uma das ambiguidades de Jean-Jacques Rousseau é aparente. Ele está principalmente em contacto com os Genebrinos do partido representativo, que inclui os cidadãos e burgueses que protestam contra os princípios aristocráticos do governo. No século XVIII, Genebra era governada por três conselhos: o Conselho Geral (1500 indivíduos), o Grande Conselho (200 cidadãos) e o Pequeno Conselho (25 cidadãos). Era principalmente o Pequeno Conselho que governa a república, para grande desgraça dos burgueses e dos cidadãos do Conselho Geral que exigiam abertura democrática.

Na dedicação ao segundo discurso, Rousseau inova. De facto, este tipo de texto era tradicionalmente dirigido ao Pequeno Conselho, que depois agradecia ao autor. Rousseau dirige o seu discurso ao Conselho Geral, insistindo nos princípios democráticos que iriam reforçar o governo de Genebra. Nas *Confissões*, um texto

posterior, Rousseau já insiste no facto de que esta dedicatória não foi escrita em território de Genebra e também que quando entra na cidade hesita em mostrá-la e falar sobre ela.

Avant mon départ de Paris, j'avais esquissé la dédicace de mon Discours sur l'Inégalité. Je l'achevai à Chambéry et la datai du même lieu, jugeant qu'il était mieux pour éviter toute chicane de ne la dater ni de France ni de Genève. Arrivé dans cette ville, je me livrai à l'enthousiasme républicain qui m'y avait amené. Cet enthousiasme augmenta par l'accueil qui j'y reçus.

Chambéry está em Sabóia e este território é o inimigo tradicional de Genebra. Rousseau ficará quatro meses em Genebra e só mostrará a dedicação que ainda não imprimiu às pessoas de confiança.

A posteriori, as *Confissões* reflectem assim o dilema em que Rousseau se encontra, seguro dos seus princípios republicanos, mas não encontra em Genebra o governo que tem em mente.

A reflexão que Rousseau faz no Segundo Discurso ressoa com um certo número de ideias apresentadas na dedicação. Por exemplo, Rousseau escreve esta opinião sobre Genebra:

Ayant eu le bonheur de naître parmi vous, comment pourrais-je méditer sur l'égalité que la nature a mise entre les hommes et sur l'inégalité qu'ils ont instituée, sans penser à la profonde sagesse avec laquelle l'une et l'autre, heureusement combinées dans cet Etat, concourent de la manière la plus approchante de la loi naturelle et la plus favorable à la société, au maintien de l'ordre public et au bonheur des particuliers.

Esta frase é significativa da abordagem do segundo discurso. Rousseau tenta trazer à luz as qualidades da lei natural e tenta compreender como os homens podem afastar-se da lei natural para construir governos injustos. A fim de dar a si próprio a melhor hipótese de sucesso possível, Rousseau afirma a famosa fórmula: para encontrar as origens do homem « comecemos por pôr de lado todos os factos ». Rousseau está perfeitamente consciente de que o estado de natureza do homem se perde nas brumas da história e que é exclusivamente através de uma abordagem dedutiva que será possível descobrir quais são as leis que governam a espécie humana. Contra os autores do direito natural que Rousseau critica porque apresentam o homem demasiado racional, Rousseau descobre que a lei natural não se pode situar na razão, está necessariamente na

sensibilidade, e esta sensibilidade leva-o a enunciar dois princípios: o *amour de soi* (isto é, o desejo de não ver outros animais e seres humanos a sofrer) e o *amour propre*, um desejo de auto-preservação.

Aqui Rousseau usa a história de uma forma hipotética para ilustrar os seus vários desenvolvimentos, insistindo no facto, inaudito no seu tempo, de que os selvagens na natureza são pacíficos e muito pouco inclinados para a sociabilidade. Assim, muitos acontecimentos devem ter tido lugar antes de a humanidade ter procurado reunir-se.

Rousseau coloca no momento da descoberta da agricultura, a criação de sociedades civis. No início da segunda parte do Segundo Discurso, ele afirma a famosa frase:

Le premier qui ayant enclos un terrain, s'avisa de dire, ceci est à moi, et trouva des gens assez simples pour le croire, fut le vrai fondateur de la société civile. Que de crimes, de guerres, de meurtres, que de misères et d'horreurs, n'eût point épargnés au Genre-humain celui qui arrachant les pieux ou comblant le fossé, eût crié à ses semblables. Gardez-vous d'écouter cet imposteur; Vous êtes perdus, si vous oubliez que les fruits sont à tous, et que la Terre n'est à personne.

Rousseau não dará mais nenhuma justificação às suas ideias sobre a origem do homem nas *Confissões*. No entanto, as *Confissões* são uma justificação para a falta de sociabilidade de Rousseau. Falta de sociabilidade da qual o culpavam, Diderot, David Hume e Voltaire, bem como os seus outros amigos. Ao ler o Discurso sobre as origens e fundamentos da desigualdade entre os homens, Voltaire declara:

J'ai reçu, Monsieur, votre nouveau livre contre le genre humain [...] On n'a jamais employé tant d'esprit à vouloir nous rendre bêtes. Il prend envie de marcher à quatre pattes, quand on lit votre ouvrage.

Não seria insignificante que um dos grandes princípios de Rousseau, a falta de sociabilidade natural dos homens, lhe fosse inspirado pela sua própria vida errante, e que as *Confissões* servissem para encenar os seus princípios históricos na sua própria existência.

Assim, os escritos muito raros de Rousseau que abordam frontalmente o problema da história são atravessados pelo mesmo tipo de questões encontradas nos dois primeiros discursos.

Por exemplo, no início de uma breve história de Genebra que Rousseau escreveu por volta de 1763, ele curiosamente especifica que não é "a história desta cidade que eu me comprometo a apresentar aqui ». Embora o manuscrito aborde a história moderna de Genebra, não em pormenor, mas a história de Genebra é de facto o tema essencial da narrativa. Mas quando temos em mente os princípios essenciais tanto dos discursos como das explicações de Rousseau, nas *Confissões*, da identidade primordial do homem, cuja origem na história é a liberdade, compreendemos que quando Rousseau escreve a história de Genebra está de facto a perseguir uma metáfora que seria a evolução da liberdade em Genebra. Daí certos estranhos paradoxos. Por exemplo, Rousseau acredita que a cidade era mais livre sob o governo feudal, quando o Conde de Sabóia e o bispo de Genebra lutavam pelos favores dos Genebrinos. Quando os Genebrinos elogiam o período da Reforma e a chegada de Calvino, eles vêem na Reforma a raiz da sua liberdade moderna. Rousseau lembra-lhes que a independência da Sabóia surgiu dez anos antes da chegada de Calvino e que foi a partir de Calvino que a Igreja de Genebra e o Pequeno Conselho tomaram gradualmente o poder à burguesia. Rousseau tem razão, portanto, não propõe aos Genebrinos uma história clássica, sob a forma de crónicas, mas uma história filosófica cujo questionamento diz respeito à perda da liberdade.

A ideia de confiscação, de perda de liberdade, é também o tema central das *Confissões* centradas na vida de Rousseau e na sua hesitação entre revelar a verdade aos homens e viver feliz e desconhecido como vivem os povos que não têm história. Mas a perda de liberdade é também uma perda de identidade e de autenticidade. Sem virtude, sem controlo sobre eles próprios e sem a ausência de domínio, os homens e os povos perdem a sua identidade e tornam-se corruptos. Mas a chave para o enigma é particularmente subtil. A moralidade sensível (*morale sensitive*) que Rousseau diz ter projectado nas *Confissões* ilustra os dilemas da sua reflexão histórica. As origens do homem são desconhecidas para nós, o que nos teria permitido compreender as necessidades da consciência e o seu despertar. Mais uma vez seguindo uma história hipotética, o estado das pequenas comunidades de caçadores-pescadores deve ter sido a época mais feliz da humanidade antes das grandes convulsões criadas pela introdução da agricultura, a emergência de cidades e religiões que criaram uma opacidade entre o poder e o povo governado. O homem é um animal sensível cuja constituição se tornou

cada vez mais complexa com o passar do tempo, ele perdeu a memória das suas origens mas estas são absolutamente necessárias para a sua compreensão.

A solução é então que o homem viva suficientemente em paz consigo mesmo, cultivando uma independência muito grande dos seus semelhantes, para que possa ter a tranquilidade necessária, autonomia e ausência de paixões fortes para poder entrar em si mesmo, analisar-se a si mesmo, e encontrar o caminho da natureza dentro dele. Desde a mudança para o Hermitage que Mme d'Epainay colocou à sua disposição em 1756, Rousseau tentou regular a sua vida da forma mais independente possível. Contudo, esta frágil alquimia escapa à maioria dos homens e das civilizações, tal como não foi compreendida e aceite pelos amigos de Rousseau. Assim a uma história da humanidade que Rousseau tenta decifrar com os olhos de um republicano corresponde o impasse de um cidadão abandonado a si próprio, à sua ignorância, superstição e exploração. Infelizmente, a recente decapitação de um professor por um fanático religioso lembra-nos ainda hoje o quanto as preocupações de Rousseau continuam, dramaticamente, a ser actuais.